REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

ESTUDOS LINGUÍSTICOS E FILOLÓGICOS

ARTIGO

O VOCABULÁRIO DO ROMANCE *CASCALHO* DE HERBERTO SALES: RELEVÂNCIA LITERÁRIA E CONTRIBUIÇÃO PARA A LEXICOGRAFIA***THE VOCABULARY OF HERBERTO SALES' NOVEL *CASCALHO*: LITERARY RELEVANCE AND CONTRIBUTION TO LEXICOGRAPHY***

ANTONIO MARCOS DE ALMEIDA RIBEIRO

Doutorando em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS). Professor da UEFS e da Secretaria de Educação do Estado da Bahia

E-mail: macribial@yahoo.com.br

PATRÍCIO NUNES BARREIROS

Doutor em Letras e Linguística. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (DLA/UEFS). Bolsista de produtividade do CNPq

E-mail: patricio@uefs.br

RESUMO

O artigo trata sobre o vocabulário relacionado ao garimpo presente no romance *Cascalho*, de Herberto Sales, com contribuição para os estudos lexicográficos e lexicológicos. Para fundamentar essa discussão, utilizamos autores como Abbade (2012; 2009; 2006), Aragão (1990), Biderman (1984, Barreiros (2017), Barros (2004, Borba (2003), Porto Dapena (2002), Welker (2004) entre outros. O romance reflete um projeto cultural de Herberto Sales, que, ao dar voz e representatividade à Chapada Diamantina, dialoga com a história cultural e as tendências historiográficas contemporâneas. Nesse sentido, foram selecionadas lexias representativas, que destacam aspectos linguísticos para o estudo da língua, relacionados à cultura, sociedade e história da região. O exame do vocabulário da obra contribui para delinear uma história social do português brasileiro. A lexicologia e a lexicografia desempenham um papel importante, em termos de metodologia e teoria, ao fornecer subsídios para a sistematização do léxico de um autor e a elaboração de um vocabulário. Assim, o romance documenta usos linguísticos, especialmente do léxico de uma comunidade, contribuindo para a preservação do patrimônio vocabular da Chapada Diamantina.

Palavras-chave: *Cascalho*; Herberto Sales; Chapada Diamantina; Literatura; Lexicografia.

ABSTRACT

The article deals with the vocabulary related to mining present in the novel *Cascalho*, by Herberto Sales, with a contribution to lexicographical and lexicological studies. To support this discussion, we used authors such as Abbade (2012; 2009; 2006), Aragão (1990), Biderman (1984, Barreiros (2017), Barros (2004, Borba (2003), Porto Dapena (2002), Welker (2004) among others. The novel reflects a cultural project by Herberto Sales, which, by giving voice and representation to Chapada Diamantina, dialogues with cultural history and contemporary historiographical trends. In this sense, representative lexicons were selected, which highlight linguistic aspects for the study of the language, related to the culture, society and history of the region. The examination of the vocabulary of the work contributes to outlining a social history of Brazilian Portuguese. Lexicology and lexicography play an important role, in terms of methodology and theory, by providing subsidies for the systematization of an author's lexicon and the elaboration of a vocabulary. Thus, the novel documents uses linguistic, especially the lexicon of a community, contributing to the preservation of the vocabulary heritage of Chapada Diamantina.

Keywords: *Cascalho*; Herberto Sales; Chapada Diamantina; Literary; Lexicography.

INTRODUÇÃO

A Chapada Diamantina é uma vasta região localizada na parte central da Bahia, possuidora de particularidades em relação à cultura, sociedade e com uma história que se insere na história nacional e internacional relacionada à exploração de diamantes. O advento do garimpo no século XIX fez afluir uma onda migratória que contribuiu para formação da sociedade local conjuntamente com os colonos e indígenas que já habitavam a região. Nas Lavras Diamantinas, como também ficou conhecida, ascendem municípios e comunidades estabelecidas pelo fluxo de pessoas, riquezas minerais e comércio abundante. Com isso, por esses e outros aspectos delineados, existe um perfil linguístico característico nessa região. Assim, a Chapada Diamantina revela uma variedade expressiva socio-cultural e identitária que se estende por todo seu território, sendo perceptível na obra de diversos autores que se inspiraram e descreveram essa região em suas produções literárias, como Neves (1967), Rocha (1980), Peixoto (1972), Lima (1932), Filgueiras Filho (1963), Marques (1919), Diniz (1981) e Rabelllo (1927).

Herberto Sales é uma dessas vozes oriundas da Chapada Diamantina. Nascido em Andaraí em 1917, cidade garimpeira na época, frequentou o Colégio Antônio Vieira, em Salvador, de educação confessional católica de referência no estado. Ao regressar a Andaraí com os estudos inconclusos, dedicase ao comércio e depois abre um cartório. A carreira literária de Herberto Sales tem início em 1944, quando ele participa de um concurso de romances com sua primeira obra, *Cascalho*. Sales não venceu a competição, mas seu romance teve repercussão e assim publicou sua obra inaugural naquele mesmo ano. Em 1948 vai para o Rio de Janeiro trabalhar como editor nos *Diários Associados*, ficando lá até 1971. Com residência no Rio escreve outros romances e se estabelece como escritor, tendo publicado 31 títulos em vida, parte desses traduzidos para vários idiomas. Ainda em 1971 torna-se membro da Academia Brasileira de Letras e se firma como um escritor consolidado. Recebe em 1996, aos 79 anos, o título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e suas obras passam a fazer parte de alguns vestibulares dessa instituição. Faleceu em 1999, no Rio de Janeiro, deixando uma extensa produção literária, que tematiza, especialmente, a Chapada Diamantina.

No que diz respeito ao registro dos dados lexicais que representam a identidade linguística do escritor e sua relação com a região das Lavras Diamantinas, o léxico da obra *Cascalho* (2011) dá testemunho da história da Chapada Diamantina, refletindo os diferentes momentos de vida em suas comunidades, exprimindo sua visão particular de mundo nos aspectos sociais, culturais e linguísticos. Assim, constitui um acervo que revela a heterogeneidade linguística do lugar, que particulariza os valores, as crenças, os costumes em cada pormenor, conservando a história cultural por meio da linguagem.

Assim, o objeto do presente estudo é um diálogo interdisciplinar para a construção de uma dialética multifacetada para tratar da trajetória do texto literário de Herberto Sales. Trazer a lume esta discussão perfaz uma atribuição de sentidos fazendo parte das práticas de escrita para além do texto impresso. É fundamental delinear um registro das circunstâncias sociais que moldaram a criação, aceitação e distribuição da obra de Herberto Sales. Como autor central deste estudo, Sales se posiciona como um representante da Chapada Diamantina, ao adotar como projeto literário a valorização do vocabulário, das temáticas e dos personagens ligados à identidade dessa região. Sua obra oferece voz e reconhecimento a essas pessoas, retratadas por meio de uma rica diversidade de personagens que povoam suas narrativas, reforçando o sentido de pertencimento cultural e social.

CASCALHO: PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DA OBRA

A obra de Herberto Sales é um discurso literário produzido e contextualizado em um momento histórico importante no Brasil. O discurso do romance possui uma combinação de elementos que revela diferentes perspectivas para investigações no âmbito socio-histórico-cultural, especialmente sob a Lexicologia e Lexicografia. A produção dessa literatura ocorre na primeira metade do século XX, marcado por uma sociedade majoritariamente rural, em grande parte analfabeta, e profundamente desigual. Politicamente, o país, por meio de seus intelectuais, buscava construir uma identidade nacional, fundamentada em narrativas sobre sua história recente, o mito da democracia racial, a questão da nacionalidade e o sentido de nação. Esses intelectuais procuravam desconstruir o imaginário de um país dominado por patriarcas coronéis brancos, contrapondo-o à realidade das populações africanas em diáspora e dos povos indígenas submetidos ao controle dessas elites. Superar as heranças do messianismo e do banditismo, e projetar uma nação unificada, rumo à urbanização e à “civilização”, era uma premissa de modernidade promovida por essas elites intelectuais.

Além disso, os romances produzidos nesse período exploravam o universo rural, valorizando obras consideradas regionalistas. As representações dos fatos sociais na literatura eram feitas com ênfase nos aspectos da paisagem interiorana. A literatura desempenhava um papel importante ao apresentar as problemáticas do mundo rural para uma parcela da população que, embora vivesse nos centros urbanos, ainda mantinha fortes vínculos com suas raízes do interior. Isso explica a aderência e popularidade desses romances. É nesse contexto que surge a primeira obra de Herberto Sales. Seu romance integra um conjunto de produções que, ao lado de autores como Jorge Amado, José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, retratavam um Brasil até então pouco explorado no mercado editorial.

Esses escritores, no qual Herberto Sales se enquadra, trataram de descortinar o mundo rural brasileiro, delineando um retrato nu e cru das realidades interioranas. Apresentavam as raízes dos lugares mais distantes dos grandes centros urbanos. A Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922, insuflava a ideia de uma “república das letras” baseada no “moderno”, “social”, “regionalista”, em detrimento do “estrangeirismo”, “erudito” e “linguajar rebuscado e mecânico”. O mercado editorial brasileiro na época se consagrava com uma nova geração de escritores em mutação cultural que mudava seus paradigmas. Com a Grande Depressão de 1929 iniciada nos Estados Unidos e depois atingindo todo o globo, no Brasil havia dificuldades de se importar livros da Europa; a maioria dos livros em catálogos brasileiros eram de títulos estrangeiros, assim novos editores e livreiros buscavam autores nacionais por uma ordem econômica, por conta da crise e para seguir a “nova tendência” modernista nacionalista (Garcia Jr., 2011; Sorá, 2010).

Outro fator a ser destacado é o aprimoramento da escolarização, impulsionado por investimentos federais que visavam aumentar a adesão da população, especialmente de meninas, no sentido de inserção no mundo urbano. A década de 1930 foi marcada pela organização e implantação de um sistema público de ensino, com o objetivo de promover o desenvolvimento econômico em resposta à crise internacional e ao persistente problema do analfabetismo. A escolarização tornou-se parte das políticas estruturais do Estado, com a ascensão de Getúlio Vargas e a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública. Esse contexto contribuiu para um aumento gradual no número de leitores, e assim,

Os novos escritores regionalistas se endereçavam, pois, a um público em crescimento; um de seus componentes principais era formado por leitores, também eles, descendentes de patriarcas rurais. Os novos leitores, letrados que só tinham frequentado o mundo urbano por ocasião do prolongamento de seus estudos, foram muito receptivos aos romances que tratavam de “nossos temas, nossos problemas” em um estilo e uma linguagem que se aproximavam dos usos de todos os dias (Garcia Jr., 2011, p. 27).

Desse modo, a projeção de um autor perpassa pelas condições de produção, a contextualidade e o *dever* na materialidade da sua produção impressa. Uma obra possui interdependência com o momento sociocultural de uma época, configurando um testemunho de seu tempo, atravessando gerações. Por isso, a razão de entender a transmissão do texto dado, na espacialidade e temporalidade, captando as suas nuances em inserir uma abordagem da história social literária da obra de Herberto Sales.

Diante do exposto, para Certeau (1998), o livro, é resultado de uma tipologia de leitura do mundo e do ambiente, uma vez que “[...] lê-se uma paisagem como se lê um texto” (Certeau, 1998, p. 265). O *corpus* selecionado da obra de

Herberto Sales insere-se nessa leitura do ambiente, seja ele natural ou social. O próprio Certeau (1998, p. 266) afirma que, em uma obra romanesca, existe um “[...] tesouro escondido na obra”. Esse é o foco de uma historiografia do texto: buscar significados históricos do contexto autoral, literário e social de Herberto Sales. Portanto, há uma fronteira a ser ultrapassada para além do livro escrito: a descoberta de dispositivos socioculturais que permeiam o texto herbertiano, revelando o que está latente e implícito no cenário textual, no palco de suas práticas, em uma tentativa de desvendar as origens de sua textualidade.

Quanto à receptividade de seus escritos, tendo em vista a obra *Cascalho* (2011), o romance só chegou ao público graças a Aurélio Buarque de Holanda e Marques Rebelo, que ouviu os elogios dado concurso em relação ao vocabulário. Com isso, Marques Rebelo resgatou os manuscritos, e, em 1944, a primeira edição do livro foi lançada pelas *Edições O Cruzeiro*, com uma tiragem inicial de cinco mil exemplares, transformando-se em um clássico atemporal. O léxico, os brasileirismos que tanto chamaram a atenção de Aurélio, enquanto ele elaborava seu dicionário, fizeram de *Cascalho* um sucesso imediato. Foi o vocabulário das Lavras Diamantinas que salvou *Cascalho* das labaredas do esquecimento, pois os romances desclassificados seriam incinerados, e Herberto Sales havia queimado a cópia do manuscrito que ficou consigo em Andaraí-Ba (Sales, 2006, p. 134-137).

Com a aceitação do público e o reconhecimento da crítica especializada, uma segunda edição foi publicada em 195, na qual o autor reescreveu o texto, realizando algumas alterações de cunho estilístico. Em 1956, foi lançada a terceira e definitiva edição, revisada e enriquecida com novos detalhes, e é essa versão que as editoras continuam a publicar até os dias atuais. Possui traduções para diversas línguas (tcheca, romena, italiana, coreana, espanhola, polonesa e japonesa); a obra virou história em quadrinhos (1957) e duas adaptações cinematográficas, com a primeira versão estreando em 1950 pela Sul Filmes, com direção de Leo Marten e acompanhado pelo próprio Herberto Sales. Outro filme foi lançado em 2004 com a direção de Tuna Espinheira. Os dois filmes tiveram locações na Chapada Diamantina, na própria Andaraí-Ba.

A configuração das cifras, como fala Certeau (1998), os motivos sociais e históricos, os fatos da transmissão e recepção do texto, nos levam à presença do autor e todo seu entorno para uma historiografia e sociologia do texto necessária para o entendimento da obra herbertiana. Sendo assim, destacar alguns aspectos da operação autoral e da textualidade é adentrar em como se organizou a subjetividade em face de uma época e um lugar, é invocar no texto todas as experimentações pessoais e coletivas do sujeito autor. A escolha do ambiente, personagens, os recursos expressivos, o léxico, a prosa e encadeamento das ideias etc. são os níveis elementares, são as pronunciações visíveis de primeiro plano para entendimento da obra.

Figura 1: Percebemos a circulação da obra pelo grande número de publicações das editoras e suas variadas artes de capa.

Fonte: Buscador de imagens Google Imagens. Acesso em 05 de set. 2022.

O texto como objeto de estudo, em sua materialidade deve ser entendido de forma abrangente, por isso sua essência e identidade devem ser globalizantes em sua investigação. Para tanto as categorias de estudo devem ser transcendentais pelas múltiplas experiências de difusão e desdobramentos do texto. Chartier (1998) e McKenzie (2018) propõe uma abordagem do objeto/texto em sua historicidade, pautadas no ideário de multidisciplinaridade, ou seja, o diálogo com outras disciplinas cooperando para

apreender as condições histórica, cultural e social do objeto/texto. Como afirma Antonio Castillo Gómez (2003, p. 97) “[...] la historia de la cultura escrita se plantea como un proyecto de alcance interdisciplinar alimentado por los problemas y enfoques propios de cada una de las materias implicadas en su construcción”.

O texto literário é um produto das práticas sociais da escrita, dessa maneira reverberam em diversas dimensões da vida em sociedade, com isso, a obra de um autor por

Figura 2: Na ordem que se segue: Edição mais recente do romance *Cascalho* produzido pela editora É Realizações; Capa da publicação de *Cascalho* em versão de história em quadrinhos (HQ); Capa do DVD do filme *Cascalho* produzido em 2004. A mesma textualidade para vários suportes de transmissão.

Fonte: Buscador de imagens Google Imagens. Acesso em 05 de set. 2022.

mais imaginária, ficcional que seja, de alguma forma reflete a sociedade, a cultura e história de seu lugar de origem. Em muitos aspectos consegue imprimir a sua realidade para dentro de seu romance. Essa atribuição de sentidos faz parte das práticas de escrita para além do texto impresso.

A LITERATURA COMO FONTE DOCUMENTAL: EXPLORAÇÕES ENTRE FICÇÃO E HISTÓRIA

Ao considerar o paradigma indiciário como postulado para levantamento de dados e análises, as propostas de McKenzie (2018), Le Goff (2003), Chartier (2002; 1998), Foucault (2009; 2008), Certeau (1998), Ginzburg (1989), configuram-se como um plano metodológico que concorre para possibilidades de reflexão e elaboração de um constructo teórico que elucida nossas inquiuições. Para tanto, o itinerário investigativo procurará responder a questões orientadoras sobre quem realizou a obra, ou seja, o escrevente e o seu contexto de produção, inclusive linguístico. E sobre a recepção da obra em uma determinada época. Lembrando que uma obra literária é escrita por muitas mãos, há revisores, tipógrafos, editores e outros sujeitos que participam direta e indiretamente da construção do texto. Outro fator a ser considerado é o público a que se destina a obra, quais são os potenciais interlocutores da obra, quem lê e consome literatura no Brasil na primeira metade do século XX.

Para tanto, procuraremos nos guiar por essas questões, não na ordem que se apresentam, mas no sentido de trazer a lume a materialização da obra de Herberto Sales, enquanto objeto de estudo, considerando o tempo histórico, a sociedade e a cultura para elucidar o caráter documental de seu escrito literário como testemunho linguístico. Abordaremos o romance pela ótica da história social e pelos estudos do léxico. Focalizaremos a artesanial lexical do autor, muito embora a obra seja um discurso forjado pelo escritor, que passa por subjetividades e complexidades, a abstração construída por Sales (2011) demarca sua região de pertença por meio de sua temática e linguagem evidenciada em sua obra.

Para McKenzie (2018, p. 77) “[...] o texto como forma registrada é preeminentemente, um fato *bibliográfico*”. Com isso, as estruturas que o ordenam são múltiplas e englobam uma quantidade de conhecimentos, os quais se apoiam em vários campos do saber. Embora não seja tão simples essa operacionalidade, nas palavras de Chartier (2002, p. 14, 15), a “[...] anexação dos territórios dos outros”, com suas técnicas e abordagens específicas resulta na condição de “[...] renovação audaciosa”, tendo em vista a apropriação dessas condições conceptuais e metodológicas para compreensão do texto/objeto. As configurações literárias e linguísticas do léxico inscritas no texto/objeto constituem representações do mundo social, é uma projeção da historicidade e da cultura do sujeito autor são os desafios dessa operacionalidade.

A obra *Cascalho* (2011) possui esse atributo documental de registrar as experiências cotidianas do garimpo, as subjeti-

vidades das pessoas e de suas práticas, as palavras como expressão do modo de vida e como as pessoas interagiam entre si e com o garimpo. Seus escritos somam a um valor que ultrapassa os aspectos estéticos comunicacionais para resguardar em seu léxico formas linguísticas que desvendam a essência da região pela voz e formas de imaginar a sociedade da época por meio do autor Herberto Sales. Com isso, a obra demarca por meio da linguagem literária e estilística própria as marcas das variantes linguísticas de uma região. Na época em que Herberto Sales escreveu, seu texto estava em consonância ao que Marroquim (1996 [1934], p. 14) salientou:

Na linguagem cotidiana todos falam a nossa verdadeira língua, a nossa saborosa língua brasileira, com a sua prosódia profundamente diversa da portuguesa, e com expressões e sintaxe bem nossas. [...] escritores brasileiros que perderam o medo ao tabu da gramática “portuguesa” e estão escrevendo seus livros no português do Brasil, com os modismos sintáticos peculiares ao nosso falar.

Quanto ao léxico, não é de hoje que as livrarias estão cheias de ótimos livros a que é necessário acrescentar um glossário, para serem compreendidos em todo o Brasil.

O romance *Cascalho* de Herberto Sales (2011) configura-se um documento/texto literário dialetal, registro de uma variedade linguística peculiar que, a seu modo, transmitiu sua percepção de mundo, a expressividade do espaço e tempo de sua região, espécie de biografia linguística, que a sua literatura tratou de documentar, por exemplo, as lexis próprias do garimpo: *almocafo*, *bugalhau*, *capangueiro*, *desbrutador*, *esbirro*, *farracho*, *gruna*, *lambreu*, *mamparra*, *mondubi*, *mosquitador*, *pequenito*, *restinga*. Assim, nos dá indícios de um léxico específico, mesmo que seja parcialmente por meio da literatura, para entendimento da história, da sociedade, da cultura na Chapada Diamantina. O escritor possui uma longa produção literária, com dezenas de títulos, contudo, aqui selecionamos, como exemplificação, apenas a obra de estreia *Cascalho* (2011 [1944]), romance mais significativo e representativo das Lavras Diamantinas, perfazendo o *corpus* para discussão do presente artigo.

Dessa forma, a pertinência operatória da perspectiva hermenêutica, com base em Chartier (2002, p. 27), reside na ideia de que as histórias são “[...] construídas na descontinuidade das trajetórias históricas”, em um diálogo com as “[...] práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras”. Ou seja, trata-se do estudo do processo de concepção e transmissão desses textos. Isto está alinhado ao pensamento de Foucault (2008), sobre a história cultural, que rompe com a tradicional história das ideias e suas continuidades. A história cultural, tal como proposta por Foucault (2008), rejeita a linearidade histórica convencional. Assim, o discurso que atravessa um texto ou objeto carrega os vestígios de sua trajetória temporal. Assim,

A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como *documento*, como signo de outra coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém à parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de *monumento*. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um “outro discurso” mais oculto. Recusa-se a ser “alégorica” (Foucault, 2008, p. 157).

Em consonância com as ideias de Foucault (2008), Ginzburg (1989) propõe um modelo epistemológico ou paradigma que sugere o estudo de um objeto, a partir dos detalhes, ou seja, a observação minuciosa dos registros por meio de um método indiciário, a fim de captar “[...] uma realidade mais profunda” (Ginzburg, 1989, p. 150). Assim como na arqueologia de Foucault (2008), é por meio de “escavação” intelectual é que se reconstrói remontar um processo histórico de um texto ou objeto, tratando-o como “[...] uma entidade profunda invisível, a ser reconstruída para além dos dados sensíveis” (Ginzburg, 1989, p. 158). Nesse sentido, a abordagem proposta não opera em uma escala macroscópica, focada nas grandes estruturas, mas sim em uma escala, como definido por Ginzburg na micro-história, buscando a “[...] singularidade inimitável das escritas individuais” (Ginzburg, 1989, p. 161).

O vocabulário de Herberto Sales, em *Cascalho* (2011), traduz significados e permite que análises do texto/objeto emergam a partir de seus itens lexicais. Trata essas fontes, que também possuem valor histórico, como documento/*corpus* implica “[...] ir mais longe: questionar a documentação histórica sobre as lacunas interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços em branco da história” (Le Goff, 2003, p. 109). A perspectiva de Le Goff (2003) representou uma ruptura para o paradigma historiográfico tradicional, abrindo caminho para o estudo de novas fontes, temas e abordagens. Nesse sentido, Le Goff (2003, p. 110) afirma que,

Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é “falso”, avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo. Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estar sujeitos a tratamentos destinados a transformar sua função de mentira em confissão de verdade.

Essas reflexões sobre o documento em torno do estatuto metodológico da História, ao abordar um texto/objeto deu uma nova perspectiva para diálogos com outras

humanidades, na operação de instrumentos que outras disciplinas acadêmicas oferecem. Sendo assim, Chartier (2001; 2005), Le Goff (2003), McKenzie (2018) e outros estudiosos que vieram dessa renovação epistemológica, perceberam que o texto/objeto está gerido por uma historicidade de um *continuum* temporal, em que, as materialidades impressas possuem um “itinerário” como afirmou Petrucci, (2002, p. 11). Portanto, esse itinerário envolve uma série de singularidades históricas que pode ser reconstituída por meio do estudo documental, em nosso caso, da obra herbertiana, especificamente para o presente artigo *Cascalho* (2011), para compreender em como foram escritos e reverberaram na sociedade brasileira.

UM EXEMPLO DE CONTRIBUIÇÃO DO VOCABULÁRIO DE CASCALHO PARA A LEXICOGRAFIA

O romance *Cascalho* (2011 [1944]) é o marco inicial da trajetória literária de Herberto Sales. Uma obra circunscrita pelo regionalismo e realismo do garimpo de diamantes em Andaraí da primeira metade do século XX, na Bahia. Lançado em 1944, nasce das experiências e contatos com a sua cultura e sociedade, assim transportando para o terreno da ficção às relações com a paisagística local de suas reminiscências. Todavia, não sabemos até que ponto, os romances *Maria Dusá* de Lindolfo Rocha (1980 [1910]), publicado em 1910, *Bugrinha* de Afrânio Peixoto (1972 [1928]) publicado em 1928 e *Garimpos* de Herman Lima (1932), influenciaram Herberto Sales.

Lindolfo Rocha (1980 [1910]) sendo um expoente modernista imprimiu as características locais em seus personagens por meio da fala e paisagem social. Já Afrânio Peixoto marca em sua obra, essencialmente *Bugrinha* (1972 [1928]), a valorização da fala de seus personagens e evocação das Lavras Diamantinas como cenário e contexto de sua obra. Lima (1932) descortinou todo um cotidiano da região diamantífera e pontuou os costumes e dialeto local em seu romance. Os escritores, predecessores de Herberto Sales, utilizaram a Chapada Diamantina como painel para suas realizações ficcionais. Contudo, a obra inaugural de Herberto Sales alcançou uma maior repercussão que seus antecessores, havendo adaptações para os quadrinhos, cinema e traduções em vários idiomas. A sua narrativa enseja os usos linguísticos e costumes locais perfazendo a marca memorialística de quem viveu a região. E por suas formações lexicais abundantes foi que se destacou:

Há em *Cascalho*, além do valor literário, uma importante contribuição ao estudo do vocabulário e da sintaxe de toda uma região. Do ponto de vista do estilo e da língua será talvez, esse, o melhor e mais sedutor aspecto do romance. Acontece ainda que, ao contrário do que fizeram numerosos regionalistas, não se trata, no caso, de uma anotação erudita e morta, e sim de uma penetração viva e aguda, de uma comunhão real do autor com o

meio descrito. Seus garimpeiros falam e agem sem nenhum esforço dentro do desenvolvimento do tema. Não se sente a presença de um observador, de caderninho em mão a registrar palavras exóticas ou metáforas curiosas, para com a matéria-prima colhida, contar histórias falsas, artificiais em sua trama e na psicologia dos protagonistas (Milliet, 2011, p. 14).

O romance trata daquilo que perfazia seu cotidiano e convivência social: do garimpo, lugar de mandos e desmandos dos coronéis, marcado pelos contrastes entre a riqueza que brota da terra e o estado de pobreza e miséria que viviam as classes populares. Conforme Milliet (2011) a obra nos proporciona um contato com palavras e construções linguísticas típicas da linguagem regional/popular, dentro do microcosmo da região diamantífera, elencando um rico acervo linguístico, fundamental para a catalogação e estudo linguístico.

Assim, o repertório lexical de *Cascalho* (2011) possui um grande quantitativo de lexias segundo a pesquisa de Ribeiro (2021; 2020a; 2020b). As palavras no romance transmitem uma série de elementos emotivos, físicos, constante para descrever sua realidade. A literatura tem bases de um sentimento regional/popular, Sales (2011) descortinou a ‘alma vocabular garimpeira’ revelando uma identidade linguística peculiar àquela região. O que de fato, revela um português de base regional/popular demonstrado nas inovações lexicais registradas no romance.

Podemos perceber por um extrato de *Cascalho* (2011) o léxico chapadeiro com inovações lexicais ocorrendo na oralidade das classes subalternas, comprovando que os estratos sociais são bem marcados por meio da linguagem. No excerto do diálogo entre os garimpeiros, demonstra naturalidade e fluidez em suas falas, de cunho regional/popular:

Em outro grupo, com a sua grande máscara de fumo no canto da boca, Benedito Lasqueado contava:

- Nosso serviço estava de pé. Fizemos um corte de caixão, e socamos terra preta até ficar que nem cimento. Recuamos a água toda, que devia ter uns três batidos, depois esquadreamos a cata, desmontamos, e metemos a broca no emburrado. Demos uns seis a oito tiros. Depois retiramos os estilhaços de pedras, e ferimos o cascalho pra conhecer a qualidade.

- A informação era bosta de barata? – perguntou Joaquim Boca-de-Virgem.

- Qual é bosta de barata, seu!

- Estou perguntando é porque bosta de barata é informação de arrozinho – explicou o garimpeiro. – E arrozinho aqui no Paraguaçu, você bem sabe, não dá nem a poder de reza.

- Quem encontrar cascalho arrozinho no Paraguaçu pode dizer “Até logo!”, porque senão morre de fome – aparteu outro homem.

Benedito Lasqueado retomou a conversa:

- Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! A

informação que eu encontrei foi cocá, feijão azul-oleoso, bugalhão pequeno e redondo, foi favinha, rapaz! Feri foi cascalho balinha legítimo, cor-de-rosa queimado, de polmo cor de ouro. Você logo não está vendo, Boca-de-Virgem! Repetiu, com ar gabola.

- Então você entrou foi no come calado, hem, seu mano? – aparteu um garimpeiro doca, que era sobrinho de Bertulino Mentira-Fresca, de Lençóis (Sales, 2011, p. 42).

O vocabulário é de especialidade do garimpo, dando uma delimitação, uma identidade representando a região diamantífera, configurando-se como um dos recursos herbertianos para construir uma narrativa diferenciada, carregado de inovações lexicais.

EXPLORANDO O VOCABULÁRIO DE GARIMPO: LEXIAS E EXPRESSÕES DA CHAPADA DIAMANTINA

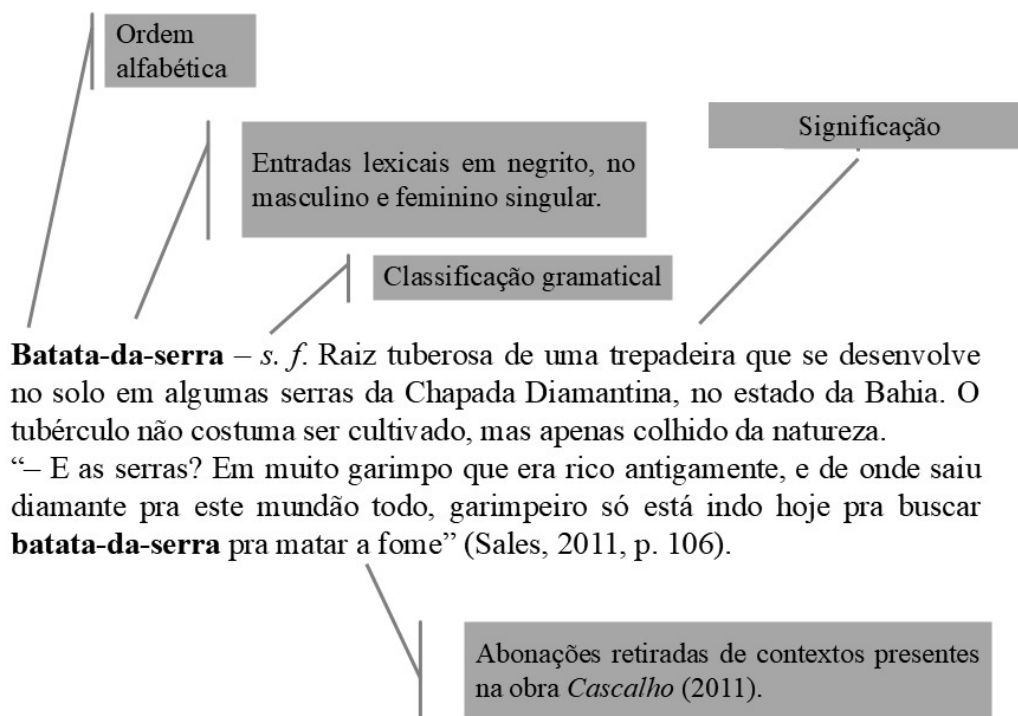
Em seguida apresentamos algumas lexias extraídas do romance herbertiano baseando-se no trabalho dissertativo de Ribeiro (2020) com critérios da lexicografia definidos para tal fim. Assim, para organizar e estruturar o vocabulário de Herberto Sales, os desdobramentos perpassam por um levantamento de referências teóricas abalizadoras concorrendo para estabelecer os critérios de macroestrutura e microestrutura, além de compreender o fenômeno do léxico com as proposições de Queiroz (2020), Barreiros (2017), Antunes (2013), Miranda (2007), Barros (2004), Welker (2004), Borba (2003), Porto Dapena (2002), Martins (2001), Corpas Pastor (1996), Aragão (1990), Biderman (1984) e Pottier (1972).

Para constituição do vocabulário foram consultadas as seguintes obras: *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Moraes Silva (1890), *Novo dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido Figueiredo (1913), *Dicionário da terra e da gente do Brasil* (1939) de Bernardino José de Souza, *Dicionário Novo Aurélio do século XXI* (1999), e *Dicionário Houaiss eletrônico* (2009). Todas essas indicações são, portanto, algumas das fontes bibliográficas de constructo teórico e prático para descrição, organização e estruturação do presente vocabulário.

Na macroestrutura, as lexias foram organizadas em ordem alfabética, com destaque semasiologicamente em negrito. A microestrutura, conforme exemplificado na figura 3, segue a seguinte organização: entrada da lexia, classe gramatical ou expressão popular indicada por abreviaturas em itálico, seguida de uma definição concisa, elaborada para informar de forma precisa dentro do contexto da obra de Herberto Sales. A abonação inclui a lexia em destaque e a devida referência. Dessa forma, a lematização respeita as formas em que as lexias aparecem na obra de Sales, e se baseiam nos estudos conduzidos por Ribeiro (2020) sobre o autor.

Dessa maneira, apresentamos uma amostra do vocabulário de Herberto Sales:

Figura 3: Exemplo de microestrutura.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Alugado – *adj.* Garimpeiro contratado, que trabalha sem direito às pedras encontradas.

“– Você vai ganhar 2.500 por dia, Salu. Sei que você é bom de serviço. Quer dizer que eu entro como **alugado**? – respondeu o garimpeiro” (SALES, 2011, p. 20).

Arroz de cacimba – *loc. subst.* Arroz de garimpeiro, servido num carumbé, feito com arroz vermelho, toucinho, pedacinhos de carne frita e misturava com a farinha.

“Nas proximidades, em ranchos de pedra e em tocas, ou simplesmente em lapas, outros garimpeiros cozinhavam o seu **arroz de cacimba** em panelas de barro do Carrapato e do Brejo de Luís de Brito, dividindo entre si o trabalho com o mesmo espírito de cooperação da garimpagem que os reunia em sociedade – um cortando negro-nu para espantar borrachudo, outro apanhando água, outro lavando os carumbés onde carregavam o cascalho e também comiam” (Sales, 2011, p. 102).

Bala – *s. f.* Variedade cristalina ou semicristalina do diamante, de forma esférica e estrutura radiada, não utilizável como pedra preciosa por sua forma, estrutura, dimensões ou cor.

“A **bala**, que é o nosso melhor diamante industrial, não está valendo nada. E o carbonato igualmente: os gringos não querem nem ouvir falar – tiveram um prejuízo enorme. O ladrão abarrotou a praça de mercadoria falsificada. E nós que aguentemos as consequências da baixa!” (Sales, 2011, p. 295).

Bamburrista – *adj.* Aquele que é favorecido pela sorte. Que consegue fortuna no garimpo.

“Baixo, franzino, trôpego, o velho João Vítor envelhecera ali na Passagem, e em outros tempos fora garimpeiro **bamburrista**. Agora, já sem forças para trabalhar, cuidava da capela e cobrava imposto dos bruaqueiros” (Sales, 2011, p. 25).

Batata-da-serra – *s. f.* Raiz tuberosa de uma trepadeira que se desenvolve no solo em algumas serras da Chapada Diamantina, no estado da Bahia. O tubérculo não costuma ser cultivado, mas apenas colhido da natureza.

“E as serras? Em muito garimpo que era rico antigamente, e de onde saiu diamante pra este mundão todo, garimpeiro só está indo hoje pra buscar **batata-da-serra** pra matar a fome” (Sales, 2011, p. 106).

Borrachudo – *s. m.* Espécie de insetos dípteros, de 2 a 6 mm de comprimento e coloração preta.

“Nas proximidades, em ranchos de pedra e em tocas, ou simplesmente em lapas, outros garimpeiros cozinhavam o seu arroz de cacimba em panelas de barro do Carrapato e do Brejo de Luís de Brito, dividindo entre si o trabalho com o mesmo espírito de cooperação da garimpagem que os reunia em sociedade – um cortando negro-nu para espantar **borrachudo**, outro apanhando água, outro lavando os carumbés onde carregavam o cascalho e também comiam” (Sales, 2011, p. 102).

Bruaqueiro – s. m. Garimpeiro novato, inexperiente.

“— Isso é verdade — concordou o **bruaqueiro** Miguel. — Como eu estava dizendo, primeiro me botaram no enchedor. Quando eu enchi duzentos barris, não aguentei mais. Já estava com o espinhaço me doendo” (Sales, 2011, p. 41).

Cabeça-d’água – loc. subst. Aumento rápido e repentino do nível de um rio corrente ou cheio, devido a chuvas nas cabeceiras ou em trechos mais altos e seu percurso.

“Depois passou a explicar ao patrão que os garimpeiros estavam trazendo um companheiro que morrera afogado — “o Raimundo, aquele frente” — na correnteza de uma **cabeça-d’água**” (Sales, 2011, p.15).

Coradouro – s. m. Local ao ar livre, onde se estende as roupas recém-lavadas.

“E os dois desceram a ladeira com destino ao cabaré de Felícia. Do outro lado do rio — a cidade era um **coradouro** imenso, com a lua estendendo lençóis nos oitões caídos” (Sales, 2011, p. 68).

Cura-facada – s. f. Planta medicinal nativa da Chapada Diamantina-BA usada na cura de inflamações e cicatrização.

“Filó banhava em silêncio o talho que dera no pé. Para isso, fizera um cozimento com alguns pés de **cura-facada**” (Sales, 2011, p. 114).

Desaperta-puta – s. m. Cobertor popular, de má qualidade, inferior.

“Nem todos os garimpeiros tinham esteiras — “colchões de arasto”, como diziam — para cobrir o lastro de varas das camas, nem cobertores, com exceção de Agenor e Neco, que possuíam uns pequenos, quadrados, que mal lhes chegavam até o peito — uns cobertores muitos ordinários, de madapolão, a quem chamavam “**desaperta-puta**”. Com a cabeça apoiada sobre a pedra coberta de capimpubo, que lhe servia de travesseiro, o corpo encolhido, as mãos entre as pernas, Filó se lembrava da negra Vitalina” (Sales, 2011, p. 107).

Farracho – s. m. Instrumento geralmente usados para raspagem de cascalho, feito com arco de barril ou com aproveitamento de facão velho.

“— Não senhor... Eu estava trabalhando com a do meu sócio. De ferramenta minha, eu só tenho mesmo um **farracho**... — Faça bom proveito dele — atalhou o chefe, de mau humor.” (Sales, 2011, p. 37).

Inchacolhão – s. m. Espécie de gramínea de bordas cortantes.

“— Nossa Senhora do Parto lhe dê boa hora, Peba! — gritou Filó, antes de tomar a estrada oposta, que se abria sobre um grande lajedo áspero em toda a superfície, exceto na trilha a bem dizer lixada por pés humanos. — eles vão com pressa — observou Neco. — Ei, Silvério! — tornou a gritar Filó. — Tem **inchacolhão** nesta estrada! Passe por fora!” (Sales, 2011, p. 122).

Lebreia – s. f. Chuva fina e contínua; chuveiro, garoa, neblina.

“— Mas quer dizer que, quando tem tromba-d’água, o rio enche sem chuva? — indagou um curau que viera do sertão. — Não cai nem neblina? Zé de Peixoto interveio: — Que neblina! Nem neblina nem **lebreia**! E cusindo grosso: — A enchente vem é com o sol quente, tinindo, de tirar lasca” (Sales, 2011, p. 26).

Manulicha – s. f. Arma de fogo (fuzil Mannlicher) de fabricação alemã.

“Nos barulho do Coxó/ Briga até as lagartixa/ Os calangos de combléia/ E elas de **manulicha**...” (Sales, 2011, p. 50).

Mormaço – s. m. Temperatura abafada, quente.

“A sala de redação de A Evolução estava mergulhada numa bocejante paz com o **mormaço** das duas horas da tarde abrasando o capinzal dos fundos” (Sales, 2011, p. 272).

Mosquitador – s. m. Que ou aquele que comercializa mosquito (diamante pequeno).

“É comum, nos dias de feira, verem-se seus pequenos estabelecimentos comerciais cheios de garimpeiros — meias-praças ou não de seus proprietários — e, em todos eles, a mesma aparência de prodigalidade e fartura. Aos sábados, o **mosquitador** vai atalhar os garimpeiros nas pontas de rua, quando não se põe de atalaia à porta das vendas e dos escritórios improvisados, tudo fazendo para evitar que aqueles cheguem até a praça e entrem nos escritórios dos capangueiros” (Sales, 2011, p. 266).

Pé-de-tabaqueira – s. f. Vagina.

“— De qualquer maneira — conveyo Neco — ele passa melhor do que a gente. Tem a sua costela certa toda noite, o seu **pé-de-tabaqueira** que não falha. — E a quem é que os gringos vendem? — perguntou de repente Silvério, cuja palestra interrompida o interessava particularmente” (Sales, 2011, p. 218).

Picuá – s. m. Pequena peça cilíndrica, ôca onde se guardam os diamantes encontrados.

“— Então o senhor pode fazer a conta. O coronel guardou o diamante no **picuá**, que em seguida tampou, franziu as sobrancelhas e fez a conta” (Sales, 2011, p. 35).

Rabo de juízo – exp. pop. Nádegas; traseiro; bunda.

“Depois a gente vai buscar Silvério no Ribimba: o porre de hoje vai ser por conta dele. — Parou de repente e acrescentou. — Mas que **rabo de juízo** tem aquela Helena! — Eu gastei foi meu dinheiro todo — insistiu Neco. — Precisamos descobrir uma frente de serviço rica” (Sales, 2011, p. 260).

Tocar gloriosa – loc. verb. Masturbar-se.

“— Em cima da serra você não conhece ele. Vive que nem um

bicho, trabalhando dia e noite, sem respeitar domingo nem dia santo, só pra fazer figura em Andaraí. Mania besta, mania de ser rico — comentou. — Mas de que adianta isso? De que adianta ele passar uma semana com Helena, com Cleonice, ou com qualquer outra mulher de prateleira-de-cima, se depois ele vai ficar dois ou três meses **tocando gloriosa** em cima da serra? De que adianta? Se ele não aguenta a tese, pra que essa besteira de querer passar pelo que não é? Filó é que tem razão — observou, — Bem ele disse que Pedro Almofadinha devia procurar sua baixa posição e se colocar” (Sales, 2011, p. 97).

Essas lexias apresentadas aqui são uma pequena amostra da dimensão sociocultural por meio do léxico utilizado por Herberto Sales em seus romances, especificamente em *Cascalho* (2011), do qual trazemos a exemplificação. O discurso narrativo reflete a história, a cultura e a sociedade do garimpo da Chapada Diamantina, como afirma Seabra (2015, p. 73),

[...] a dimensão social da língua, podemos ver, no léxico, o patrimônio cultural de uma comunidade. Transmitidos de geração a geração como *signos operacionais*, é através dos nomes que o homem exerce a sua capacidade de exprimir sentimentos e ideias, de *crystalizar* conceitos. Assim, o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multisseculares de um povo, podendo, por isso, ser considerado testemunho de uma época [...].

Por meio do léxico captou o cotidiano rudimentar dos garimpeiros, os costumes, as tradições, a natureza, os tabus e outras nuances daquela vida interiorana. A história de uma região está impressa na língua do povo, assim, Herberto Sales soube em multiplicidade transportar a linguagem circunscrita das Lavras Diamantinas em sua narrativa de estreia. A linguagem resguardada pelas condições diatópicas daquelas terras reverbera na literatura e por sua vez adquire *status* de objeto de pesquisa de base da história social da cultura escrita e do estudo do léxico. Os apontamentos de Milliet (2011) se concretizam na pesquisa linguística desenvolvida pelo autor deste artigo, ou seja, depois de décadas *Cascalho* (2011) continua a oferecer uma valiosa contribuição ao estudo do vocabulário.

CONSIDERAÇÕES PERTINENTES

A formulação de uma dialética entre Herberto Sales, a sociedade e a cultura, com base em sua obra literária, refere-se à interação dinâmica e recíproca entre esses elementos, na qual a obra não apenas reflete aspectos sociais e culturais da sua época e região, mas também os questiona, interpreta e transforma. Essa abordagem exige uma compreensão que vá além de leituras isoladas ou restritas, propondo uma análise que considere tanto as influências que a sociedade e a cultura exercem sobre o autor e sua produção quanto

as maneiras pelas quais sua obra literária contribui para reinterpretar e resignificar essas mesmas estruturas sociais e culturais. Para alcançar essa compreensão abrangente, é necessário superar fronteiras disciplinares, adotando uma abordagem que explore o texto/objeto a partir de múltiplas perspectivas, integrando aspectos históricos, sociais, linguísticos e estéticos, entre outros.

Dessa maneira, a investigação acadêmica possibilita interpretar as práticas e os usos sociais do texto/objeto em suas especificidades, levando em conta a “[...] visão de mundo de uma classe social, de um escritor ou de toda uma sociedade” (GINZBURG, 1989, p. 178). Como ressalta Le Goff (2003), propomos uma concepção que problematize a inter-relação entre os aspectos dessa dialética, constituindo o cerne do objeto de estudo.

Esse romance específico de Herberto Sales encontra-se profundamente enraizado na identidade do autor e em sua relação com a região da Chapada Diamantina. A obra é rica em vocabulário, refletindo a cultura local e preservando um léxico que dialoga diretamente com as raízes culturais e sociais da região. Tal característica confere à obra um corpus valioso para o estudo e a preservação da linguagem regional, consolidando o chamado “vocabulário herbertiano”. O léxico presente em seus textos está diretamente associado à sociedade e à cultura da Chapada Diamantina, criando uma ponte entre o texto literário e a história social. A obra reconstrói o cotidiano das comunidades da região, oferecendo uma visão abrangente e detalhada da vida e das relações humanas mediadas pela cultura local.

Nesse contexto, o romance de Herberto Sales apresenta uma ampla gama de vocábulos que evidenciam expressões típicas do meio rural, referências ao ambiente natural, traços culturais, arcaísmos, indigenismos e outros elementos linguísticos que contribuem para a riqueza de seu painel romanesco. Essa multiplicidade de características linguísticas não apenas reflete a realidade da sociedade retratada, mas também constitui um patrimônio linguístico de valor inestimável. Essa riqueza justifica a necessidade de estudos aprofundados que enfoquem o aspecto linguístico de sua obra, destacando sua extensão e relevância para a preservação do vocabulário regional.

Os resultados e a pertinência do presente artigo apontam para uma abordagem metodológica interdisciplinar que une a história literária aos estudos lexicais, permitindo uma análise mais ampla e detalhada da obra de Herberto Sales. Tal abordagem contribui para traçar perfis linguísticos com forte viés identitário, explorando o vocabulário como um reflexo da sociedade e da cultura. O léxico, enquanto elemento central de uma língua, carrega em si traços da história social das comunidades que o utilizam, oferecendo pistas valiosas para investigações linguísticas. Nesse sentido, a obra de Herberto Sales não apenas amplia o conhecimento sobre a Chapada Diamantina, mas também fortalece os estudos linguísticos que buscam compreender as complexas inter-relações entre texto, sociedade e cultura.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. **Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária medieval**: o livro de cozinha da Infanta D. Maria. Salvador: Quarteto Editora, 2009.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia social: a lexicografia e a teoria dos campos lexicais. In: ISQUERDO, Aparecida N.; SEABRA, Maria Cândida T. C. de. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2012. v. 6, p. 141-161.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do Léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos. (org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225.
- ANTUNES, Carolina. **Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequi-tinhonha Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **A linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego**. João Pessoa: Edições FUNESC, 1990.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da lexicografia. **Alfa**, São Paulo, n. 28, p. 1-26, 1984.
- BARREIROS, Liliene Lemos Santana. **O vocabulário de Eulálio Motta**. 358f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: UNESP, 2003.
- CASCALHO**. Direção: Tuna Espinheira. ASACINE produções. Salvador, BA, 2004. Cor, 104 min.
- CASCALHO**. Direção: Leo Marten. Sul Filmes produções. Rio de Janeiro, RJ. 1950. PB.
- CASCALHO**. Edição maravilhosa. Rio de Janeiro, n. 158: EBAL, 1957.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Vol. 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.
- CORPAS PASTOR, Gloria. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.
- DINIZ, Almachio. **O diamante verde**. São Paulo: GRD, 1981.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. Versão 3.0 [CD-ROM].
- FIGUEIREDO, Cândido. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1913.
- FILGUEIRAS FILHO. **Ametistas de caititu**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1963.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GARCIA JR, Afrânio. Meninos de engenho: tradições e dramas familiares feitos símbolos da brasilidade. **Antropolítica**, Niterói, n. 30, p. 21-47. 1 sem. 2011.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOMÉZ, Antonio Castillo. História de la cultura escrita: ideas para el debate. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 5, jan/jun. 2003 Campinas-SP: Editores Associados, 2003. p. 93-124.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009. 1 CD. Versão 3.0 [CD-ROM].
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Irene Pereira et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- LIMA, Herman. **Garimpos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.
- MARQUES, Xavier. **A cidade encantada**. Salvador: Livraria Catilina, 1919.
- MARROQUIM, Mário. **A língua do nordeste**. Curitiba: HD Livros Editora, 1996.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: EDUSP, 2001.

McKENZIE, Donald Francis. **Bibliografia e a sociologia dos textos**. São Paulo: EDUSP, 2018.

MILLIET, Sérgio. Nota à 3ª edição. In: SALES, Herberto. **Cascalho**. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 13-14.

MIRANDA, Félix Bugueño. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. v. 3. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. p. 261-272.

MORAES SILVA, Antônio de. **Diccionario da lingua portugueza**. Rio de Janeiro: Editora Empreza Litteraria Fluminense, 1890.

NEVES, Marcelino José das. **Lavras Diamantinas**. Salvador: Fundação Gonçalo Muniz, 1967.

PEIXOTO, Afrânio. **Bugrinha**. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

PETRUCCI, Armando. **La ciência de la escritura: primera lección de paleografía**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, Argentina, 2002.

POTTIER, Bernard. **Estruturas lingüísticas do português**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco Libros, 2002.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. **Estudos do léxico em diferentes perspectivas**. Salvador: Memória & Arte, 2020.

RABELLO, Alberto. **Contos do norte: contos regionais bahianos**. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos – Editor, 1927.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. O léxico dos garimpeiros da Chapada Diamantina na obra *Cascalho* de Herberto Sales. **Garimpus: Revista de Linguagens, Educação e Cultura na Chapada Diamantina**. Vol 2. n. 1. Seabra, 2021. p. 82-98.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. Os tabus linguísticos no romance *Cascalho* de Herberto Sales. **Laborhistórico**. Vol 6. n. 3. Rio de Janeiro, 2020a. p. 397-418.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. **Diamantes lexicais: garimpando o vocabulário do romance Cascalho de Herberto Sales**. 2020. 200f. (Dissertação) – Mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020b.

ROCHA, Lindolfo. **Maria Dusá**. São Paulo: Editora Ática, 1980.

SALES, Herberto. **Cascalho**. 11. ed. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.

SALES, Fernando. **Herberto Sales e a gênese de Cascalho**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, cultura, léxico. In: Sobral, Gilberto Nazareno Telles; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins (org.). **Linguagem, sociedade e discurso**. São Paulo: Blucher, 2015. p. 65-84.

SORÁ, Gustavo. **Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro**. São Paulo: EDUSP, 2010.

SOUZA, Bernardino José de. **Dicionário da terra e da gente do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1939.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.